

DONA FLOR E SEUS DOIS “DIAGNÓSTICOS”

TRABALHO APRESENTADO EM NOV. DE 2019, AO CURSO DE PSICANÁLISE DO
INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE - DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE

RESUMIDO E EDITADO PARA A RODA DE CONVERSA: “DONA FLOR E SEUS
DOIS CAMINHOS: LUTO OU DESEJO”, DE “A CASA FRIDA”

Paula Mandel

Receita de Dona Flor: Moqueca de Siri Mole

Ralem duas cebolas, amassem o alho no pilão;
cebola e alho não empestam não, senhoras,
são frutos da terra, perfumados.

(...)

(essas tolas acham a cebola fedorenta,
que sabem elas dos odores puros?

Vadinho gostava de comer cebola crua
e seu beijo ardia).

(...)

Aí está esse prato fino, requintado, da melhor cozinha,
quem o fizer pode gabar-se com razão
de ser cozinheira de mão cheia.

Mas, se não tiver competência, é melhor não se meter
nem todo mundo nasce artista do fogão.

(Era o prato predileto de Vadinho
nunca mais em minha mesa o servirei.

Seus dentes mordiam o siri mole,
seus lábios amarelos de dendê.

Ai, nunca mais seus lábios,
sua língua, nunca mais

sua ardida boca de cebola crua!)

(“Dona flor e seus dois maridos”, Jorge Amado, p. 41)

Preparando a mesa

(Ou a oralidade na literatura, o amor canibal)

Affonso Romano de Sant’anna, psicanalista, poeta e ensaísta, fez a contextualização histórico-literária e nos dá um primeiro estímulo para pensar a obra. Segundo este autor, o Romantismo inaugurou a estética da oralidade, no sentido “*de um impulso de incorporação de um objeto do desejo. Oralidade como um canibalismo afetivo, imaginário e, portanto, simbólico. É neste sentido que a lírica amorosa romântica vai utilizar a metáfora do “comer” em lugar de possuir e fazer amor*” (p.21)

E, no caso da mulher negra, esta estética fica ainda mais evidente, pois *“sobretudo nos poemas em que a personagem feminina é uma negra, amor e canibalismo se confundem.”* (p. 21)

Na época de Jorge Amado, década de 60 do século passado, a literatura era (ainda é, certo modo) construída por um discurso falocêntrico e racista, no qual o homem escreve a mulher, apropriando-se de sua voz. *“O homem sempre se considerou o sujeito do discurso, reservando à mulher a categoria de objeto (...) como o ventríloquo: o corpo é do outro, mas a voz é sua (...) o homem, então, fala sobre a mulher, pensando falar por ela”.*

Assim posta a mesa, fica difícil ignorar que a obra analisada transborda oralidade, numa narrativa sensual e voraz, na qual *“misturam-se o vatapá, o caruru, o mungunzá e os quindins com as concessões eróticas. Amar e comer são sinônimos. Aí, a malícia cheia de charme explorando a ambiguidade daqueles termos. E, de maneira mais complexa, esse tema estaria sobretudo na ficção do baiano Jorge Amado, quando, especialmente em Gabriela cravo e canela e Dona Flor e seus dois maridos, o cozinhar e o amar são duas atividades complementares, uma vez que Dona Flor e Gabriela são imbatíveis, tanto na cozinha quanto na cama.”* (SANT’ANNA: p. 33).

Flor é, para Vadinho, um manuê de milho verde, um acarajé cheiroso, uma franguinha gorda. Vadinho é, para Flor, aquele cuja perda azedou para sempre o sabor da moqueca de siri mole, que jamais será servida em sua mesa novamente. A comida toma assento na narrativa em igualdade de condições com as personagens. As receitas culinárias contêm duplo sentido, expressam as mais arcaicas sensações de prazer e também de dor. Tudo é um banquete. Devoramos as palavras como Vadinho devora Flor e com a mesma voracidade com que as alunas devoram as aulas práticas na cozinha da professora. Há passagens deliciosas, como Dona Flor enviando uma receita ao próprio Jorge Amado, dizendo que a receita é de cabeça, porque *“não é amando que se aprende a amar”*? Comida e amor, indistinguíveis.

Bastante ilustrativo é o trecho *“Quando e o que servir em velório de defunto”*. O velório é uma metáfora da relação objetual marcada pela oralidade: a morte de um é o banquete do outro. Há que se manter o enlutado alimentado. Adaptando o aludido trecho: para que a sentinela honre o defunto é necessário cuidar de seu apetite. Afinal, *“velório sem cachaça é desconsideração ao falecido”*. Luto aviva a fome. E fome é desamor.

O cardápio

(Ou breve síntese da obra literária analisada)

Florípedes, ou Flor, com sua pele bronzada de Cabo Verde, lábios grossos e cabelos pretos azulados, cozinheira de doces e salgados e professora de culinária querida pelas alunas e a vizinhança, capta o interesse de Vadinho, com quem se casa, contrariando os desejos da mãe autoritária e histriônica. Vadinho, por sua vez, é o patife louro e sedutor, o rei dos vigaristas e das putas que lhe toma o dinheiro suado do trabalho assim como lhe tomou a virgindade, que trai sua confiança e seus votos maritais de fidelidade, que a humilha, mas que, apesar de tudo isso, lhe arranca suspiros apaixonados e a deslumbra sexualmente. Ele bagunça sua vida, seus cabelos, interrompe suas aulas, persegue suas alunas, esbanja suas economias no jogo e no bordel, mas é o amor de sua vida.

Certo domingo de carnaval, fantasiado de baiana, Vadinho cai morto no meio do samba causando rebuliço no bloco, nas ruas de Salvador, repercutindo em todo o estado da Bahia, conforme prosa hiperbólica de Jorge Amado. Tamanha comoção não se compara ao impacto da morte nos afetos de sua devota viúva. De luto fechado, como tem que ser, vestida de preto, como de praxe ao seu estado de viúva respeitável, Flor vê o primeiro ano de luto passar. Ainda antes de findá-lo já se acercavam os pretendentes rondando a caça. Flor rejeitando um a um, como Penélope à espera de Ulisses.

O desejo, no entanto, vai despontando, sem lugar, colocando-a no conflito entre sexo e sociedade, corpo e espírito, o mundano e o religioso. Ela se dá conta de que só havia duas opções para seu apetite sexual: encerrá-lo no caixão do finado marido ou encontrar um meio de satisfação, o que, naquelas circunstâncias, resumia-se a novo matrimônio ou aceitar o estigma de mulher da vida.

Flor é, então, submetida a muita insistência das amigas para voltar-se ao mundo, em novos investimentos, para poder viver sua sexualidade (em novas núpcias, claro).

Logo aproxima-se o pretendente Teodoro, compenetrado farmacêutico da Rua do Cabeça, homem sério e direito, o que cuida da mãe inválida, o que toca fagote na orquestra de amadores como toca o negócio próprio, com compromisso e meticulosidade.

Flor o idealiza, por tão diferente do primeiro esposo, embora não tenha atração pelo mesmo. De namoro vigiado pelo padre com direito a leves beijos no portão, achando que era esse o esperado dela pelo noivo e os ditos costumes, o noivado transcorre sem grandes paixões resultando em casamento.

Doutor Teodoro, tomando-a por mulher contida nos assuntos da carne, maneja Flor como a contabilidade da farmácia, com zelo, sistema e pontualidade, estabelecendo quartas e sábados como dias de intercurso sexual debaixo do lençol, com eventual direito a bis, mas só no sábado. Flor engole o frêmito da paixão e se resigna a uma vida sem tempero.

Os dois maridos: Um faz tudo o que pode e não pode. O outro só faz o que deve. Na balança dos afetos, um se lambuza de bolo, lambendo os dedos e o guardanapo, catando as migalhas na toalha de mesa antes de repetir a fatia, enquanto o outro quebra, às batidinhas de colher, a casquinha do ovo quente cozido em exatos três minutos.

E, certo dia, o fato se deu. Nu como veio ao mundo lhe aparece Vadinho, deitado no leito onde rolaram tantas vezes. “Por que me aparece logo hoje?”, indaga Flor sem surpresa ou choque. “Porque você me chamou”, responde ele.

Neste ponto inicia-se a genialidade da narrativa fantástica, um acontecimento inusitado, que, embora desafiador das leis naturais e subversivo da lógica racional, é acatado em toda a sua incoerência. É possível traçar um paralelo com a psicanálise, já que a morte, no inconsciente, é irrepresentável?

Flor o chamou e apenas Flor o vê. Ele é seu segredo e sua vergonha. Seu fantasma mágico. A partir de então, Flor se depara com a tentação. Vadinho debocha de seu marido Teodoro, sopra em seu pescoço, atíça sua pele, convida-a para deitarem-se. Flor, no entanto, é mulher distinta e correta, esforça-se para não sucumbir. Declina.

Revitalizada pelo retorno espectral de Vadinho e cansada de receber nacos de amor, Flor é faísca em contato com pólvora. Mas quem atravessou o inferno da viuvez sem se queimar, não tem medo de fogo. Como poderia Flor sucumbir ao impuro desejo, profanar seus votos e trair seu marido de fina educação e decência, que dormia de pijama listrado? Como não poderia?

Ela abocanha a provação, “traí” Teodoro com Vadinho, e o livro termina com a saborosa cena de Flor rebolando na rua de braços dados a ambos. Completa. Completa?

Primeiro prato

(Ou o caminho do luto)

Após ter escavado longo túnel da capa dura até o capítulo 7, uma finada traça desfruta o sono eterno na página 196 do velho “Dona Flor e seus dois maridos”. Quem adquire livros em sebos sabe enterrar cadáveres. O mesmo privilégio Flor não concedeu à memória de Vadinho, condenada a amargar sua meia existência fantasmagórica.

Inicialmente eu estava propensa a entender a fantasia de Flor como um luto mal concluído, uma saída alucinatória para dar conta da perda objetual não substituída num segundo casamento insatisfatório. Ela perde um objeto importante, pranteia e recolhe-se nesta perda,

reorganiza-se, endereça a libido para um novo objeto, frustra-se e esta frustração poderia provocar infinitas saídas. Ela poderia ter deprimido, ela poderia ter se divorciado, arrumado um amante, sublimado. A saída implementada, porém, é uma fantasia, mas não qualquer fantasia com um terceiro objeto, não um delírio psicótico que negue ou recrie a realidade e sim uma fantasia que revive o objeto perdido, mostrando que perdido não estava. Seria este o ponto? O objeto que não pode partir?

No trabalho do luto o enlutado nutre-se de forças egoicas para gradativamente se desvincular do morto e reinvestir sua energia em novas ligações, apostando na vida. Às vezes algo falha neste processo e o enlutado não encontra nutrição no eu, faz um movimento mais regressivo, para quando não havia um eu constituído, um dentro e um fora e precisa se alimentar do próprio objeto.

O luto é, em certa medida, autofágico, um estado de exceção e de atenção, que deveria, em tese, ter início, meio e fim. Já o luto patológico é antropofágico, é um retorno ao tempo em que comida e amor eram indissociáveis, em que o objeto era devorado junto com o alimento que garantia a sobrevivência. A ausência do objeto, então, não pode ser simbolizada, restando um estado intermediário. Nem vivo, nem morto. Um espectro com perísprito, mas incorpóreo.

O luto impossível é aquele que não digere e tampouco vomita, lidando com aquilo que permanece nos recônditos do organismo, em irresoluto refluxo. Sim, a impossibilidade de digestão da perda é o refluxo objetual, aquilo que não vai nem volta. Fica. Isso porque foi incorporado.

A incorporação¹ é uma fantasia, semelhante à satisfação alucinatória de um desejo, com uma função conservadora, resistente a uma mudança tópica (ANTUNES: p. 68). A fantasia de incorporação recusa a perda ao mesmo tempo em que pretende emendá-la, de forma mágica, alucinando a presença do objeto no interior do enlutado. Por não poder engolir a perda, imagina-se ter engolido o objeto. Por isso, o movimento da incorporação é, essencialmente, regressivo, já que, na confrontação da perda insuportável do objeto, o psiquismo lança mão de uma saída instantânea e mágica, operando sob o princípio do prazer e se aproximando de uma realização alucinatória por meio da instalação do objeto perdido no interior de si. (LANDA, 1999, p. 72). Incorporação é narcísica, é oral por natureza. A oralidade assume a função de um modelo de funcionamento psíquico.

¹ os conceitos de introjeção e incorporação foram usados indiscriminadamente por Ferenczi e Karl Abraham até serem devidamente delineados na obra de Torok e Abraham (o Nicolas!)

O termo “canibalismo” dá conta do gozo da unidade violenta, da perda de limites entre o eu-prazer e o objeto, um movimento regressivo que nega o objeto enquanto tal, existindo separadamente do sujeito. (FÉDIDA: 1999, p. 61). É uma solução incestuosa, a união alimentar ao objeto de amor “*cujo desaparecimento pode entrar em um ‘saber’ mas – segundo a lei de uma clivagem – permanece decididamente fora do alcance de um ‘crer’.*” (FÉDIDA: 1999, p. 65)

Teria este mecanismo uma função de recusa da morte de Vadinho, já que a angústia de morte indissocia-se da angústia de castração? Fantasias com Vadinho é dar-lhe vida, negar-lhe a morte? Neste caso, a fantasia com Vadinho é Vadinho? Teria esta fantasia um estatuto de desmentido ou a alucinação de um desejo de escapar da dor da separação (FÉDIDA: 1999, p. 52)?

A perda do objeto provoca uma cisão egoica nos moldes do trauma (FERENCZI: 1909). Logo, o perdido é incorporado e o enlutado, identificado com o mesmo, passa a interpretar seu papel para com a outra parte do ego. O Vadinho dentro de Flor interage com ela. Neste fenômeno encontramos três elementos fundamentais: magia, segredo e identificação. (ABRAHAM e TOROK: 1995, p. 222).

A identificação, como efeito ou consequência da incorporação, é bem exemplificada por Karl Abraham, no caso de uma moça, paciente de uma instituição, que se auto-acusava de ser ladra. No entanto, ela jamais havia furtado ou roubado nada, e sim seu pai, de quem havia cuidado a vida toda e havia recentemente sido preso por roubo. (ABRAHAM: 1924).

Talvez seja o caso de Flor que, em dado momento, no auge da falta, produziu uma saída para a dor, saída não melancólica, posto que desprovida de auto-recriminação, mas igualmente patológica. Embora tenha tentado dar vazão à libido, não conseguiu, de fato, ligá-la ao novo objeto, e a libido voltou para dentro em fantasia, superinvestindo um objeto incorporado.

Flor, então, adquire as características de Vadinho, pois “*apropriar-se das qualidades do outro – é assim que as coisas se passam no festim canibal resolutivo do luto*” (FÉDIDA: 1999, p. 65). Identificada com suas infidelidades, encontra uma saída para a angústia da falta na realização fantasística e canibalesca de seu desejo. Luto canibal. Não podendo mais alimentar Vadinho, alimenta-se dele, “traindo” Teodoro, porque desta vez a “adúltera” é ela.

Segundo prato

(Ou o caminho do desejo)

Dona Flor parece estar bem no mundo. Trabalha, relaciona-se, consegue modular a excessiva presença da própria mãe em sua vida, tem senso de humor, criatividade, amigas. Tudo indica tratar-se de um sujeito constituído, com relações objetais baseadas em boas trocas. Parece existir um eu e um outro. Até no processo de luto Dona Flor aparenta ser bem resolvida, inicialmente recolhe-se, retirando sua libido dos objetos externos, pranteia o falecido, amarga a culinária com suas lágrimas, aos poucos flexibiliza a regra social imposta à viúva, identifica o reavivamento do desejo, admite-o, pretende circular sua libido, casa-se de novo.

Neste segundo casamento Flor investe suas esperanças de retomar a vida sexual satisfatória que tinha e, ao contrário, viu-se diante da constatação de que seu desejo não poderia mesmo ser satisfeito. Teria sido este segundo enterro que desencadeou a fantasia, nos moldes freudianos do trauma em dois tempos? Estaríamos diante de um extravasamento pulsional acarretado pela frustração de um desejo?

Esta “saída” do impasse libidinal poderia ser tida como neurótica, ainda que sob pena de uma certa recusa da realidade (Freud: 1924)?

Bem, se nos embrenharmos nesta direção do conflito e sintoma será preciso lembrar dos valores culturais difundidos na época e local retratados no livro: Virgindade antes do casamento e recato após a viuvez. O desejo da mulher embalado e armazenado no congelador, sempre à mercê do homem, seu legítimo amo e senhor.

É possível observar a fantasia de Flor como uma tentativa – tacanha – de assumir um protagonismo? Afinal, *“quando se desentranhar do silêncio a voz feminina recalcada, se terá um panorama mais amplo da história do desejo em nossa cultura.”* (SANT’ANNA, p. 16). Flor foi narrada por um homem, é verdade, o que poderia contrariar meu próprio argumento, mas um homem que mergulhou a fundo na personagem, deu-lhe voz nítida e verossímil, como só um artista e investigador de almas poderia fazer (independentemente de gênero). Afirmo isso sem medo de parecer condescendente, afinal, quem não ama Jorge e suas mulheres arretadas, Flor, Gabriela, Tereza? Amado Jorge, escritor de mulheres fortes que, em outra cultura, favorecedora de seu protagonismo, seriam mais donas de seu desejo. Escreveriam-se a si próprias.

Se, ainda com Affonso Romano de Sant’anna, *“cada época organiza literalmente seu imaginário erótico”*, e, se o imaginário erótico da Bahia de Jorge Amado, em meados da década de 60 do século passado, era a mulher devorada, ver Flor devorando (ainda que na fantasia da alcova) é quase revolucionário, a relembrar as histéricas dando voz às conversões em seu corpo.

Flor, sempre devorada, faz um arremedo de consumo. Afinal, ela podia ser a cozinheira mais famosa de Salvador, a professora da Sabor e Arte, ensinando seu ofício às damas da sociedade baiana, mas nem por isso deixou de ser o vatapá no prato de Vadinho, o caruru na cumbuca de Teodoro. Teria este sido um ensaio dentro de suas possibilidades sócio-culturais e psíquicas, de converter-se de Comida à Boca? Uma saída histérica sem conversão?

Referências bibliográficas

ABRAHAM, N. e TOROK, M., “A Casca e o Núcleo”, São Paulo: Escuta, 1995.

ABRAHAM, K., “A short study of the development of the libido, viewed in the light of mental disorders (1924), in Selected Papers in Psychoanalysis, 1927-1988

AMADO, J., “Dona Flor e seus dois maridos”, Rio de Janeiro: Record, ano não informado na edição.

ANTUNES, S.P., “Os caminhos do trauma em Nicolas Abraham e Maria Torok”, São Paulo: Escuta, 2003

FÉDIDA, P., “Depressão”, São Paulo: Escuta, 1999.

FERENCZI, S., 1909: Transferência e introjeção, in “Obras Completas”, vol. 1, São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FRAYZE-PEREIRA, J. A., “Arte, dor. Inquietudes entre estética e psicanálise”, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

FREUD, S., “A perda da realidade na neurose e na psicose”, 1924, São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GURFINKEL, D., “Relações de objeto”, São Paulo: Blucher, 2017.

LANDA, F., “Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise- de Ferenczi a Nicolas Abraham e Maria Torok”, São Paulo: Unesp, 1999.

SANT’ANNA, A. R., “O canibalismo amoroso”, São Paulo: Círculo do Livro, ano não informado na edição.